REVISTA DIÁLOGOS MEDITERRÂNICOS
ISSN: 2237-6585

ENTREVISTA COM O PROF. DR. FERNANDO PEREIRA DOS SANTOS

Paloma Caroline Catelan[1]

O entrevistado é o professor Fernando Pereira dos Santos, bacharel em Letras com Habilitação de Tradutor pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (IBILCE/UNESP) e bacharel/licenciado, mestre e doutor em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCHS/UNESP). No período entre 2018 e 2019, o pesquisador realizou estágio de doutorado sanduíche sob fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Royal Holloway, University of London, sob a supervisão da Profa. Dra. Catherine Nall e é membro dos grupos de pesquisa *Escritos sobre os novos mundos: uma história da construção de valores morais em língua portuguesa* (UNESP) e *Insulæ*, *Grupo de estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte, na Antiguidade e no Medievo*. Sua pesquisa enfatiza o tema das prescrições morais acerca da atividade marcial inglesa durante a Guerra dos Cem Anos (1337 - 1453) e, atualmente, é professor efetivo na rede municipal de ensino de Potirendaba/SP.

ENTREVISTADORA: Professor Fernando, por que optou por estudar a guerra nas Ilhas Britânicas durante o medievo? Como se deu esse encontro entre o interesse pelo tema e a realização de pesquisas em âmbito acadêmico?

ENTREVISTADO: Creio que a exemplo de vários outros historiadores de minha geração, os medievalismos amplamente disseminados em obras artísticas entre as décadas de 1990 a 2010 se interpolaram para despertar meu interesse sobre os conflitos nas Ilhas Britânicas

[1] Mestranda em História e Cultura Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FCHS/UNESP). Bolsista FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) sob orientação da Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França. Email: paloma.catelan@unesp.br.

do medievo. Dentre as muitas referências, destaco aquelas de filmes como *Coração Valente* e *Rob Roy* e das bandas de *heavy metal,* a exemplo dos alemães *Grave Digger* e os argentinos *Skiltron*. Na literatura, obras anteriores, de *Le Morte D'arthur* de Thomas Mallory até *As Brumas de Avalon,* de Marion Zimmer Bradley, exerceram uma grande influência, porém o primeiro trabalho de natureza historiográfica foi *A short history of Scotland,* publicada por Peter Hume Brown na década de 1910. Somadas, aquelas referências deixaram de ser meros elementos a despertarem a curiosidade de um jovem acadêmico para se transformarem em indagações que me levaram a abandonar o intento da pós-graduação em Letras e ingressar na faculdade de História. Já não me bastava o contato superficial com o tema e acreditava ser preciso aprofundar-me a partir da leitura dos escritos e das interpretações posteriores balizadas pelo ofício do historiador.

ENTREVISTADORA: Quais são os focos de interesse de sua pesquisa?

ENTREVISTADO: A princípio, minhas indagações voltaram-se a perscrutar quais eram os elementos recorrentes em narrativas a respeito do conflito ao início do século XIV, isso é, o que se poderia chamar de "pontos em comum" presentes em uma miríade de escritos organizadores do que se deveria saber e informar sobre a guerra. Para tentar responder a essa questão, à época da minha iniciação científica realizei um estudo comparativo entre duas crônicas produzidas na Inglaterra do século XIV: a *Scalacronica*, escrita pelo cavaleiro inglês Thomas Grey, e a *Crônica de Lanercost*, produzida por um religioso com provável experiência marcial. A ideia central foi tentar levantar elementos sobre o que se registrou sobre as contendas anglo-escocesas na passagem do trezentos para o quatrocentos, tanto pelo ponto de vista do cronista contendor, quanto pelo do cronista eclesiástico. Tais interrogações serviram como ponto de partida para outras a serem trabalhadas no livro *Cronistas e combatentes: a escrita da história na Inglaterra da Guerra dos Cem Anos (1330 – 1360)*, fruto de minha dissertação, em que tentei ampliá-las para as narrativas sobre o conflito que a historiografia veio, *a posteriori*, a designar como Guerra dos Cem Anos. A pergunta permaneceu, porém se ampliou. Ainda não se fazia claro, no cotejo da documentação produzida pelos que se dedicaram ao registro e organização de feitos marciais (de cronistas a tratadistas), o que aqueles com experiência marcial, mas ao mesmo tempo, com experiência no trato com as letras, julgavam meritório, digno ou mesmo urgente de ser registrado sobre o conflito. Juntou-se a essa inquirição uma outra, ainda incipiente, a respeito de uma moralidade cristã, já que os

combates entre "franceses" e "ingleses" colocou frente a frente reinos cristãos. Um dos aspectos a ser escrutinado foi: como a Cristandade se organiza em relação às proibições relacionadas a um conflito entre homens da mesma fé? Ou seja, o que era julgado digno de ser registrado dentro de suas ações marciais? No passado já levou a crer que a Idade Média teria sido marcada por conflitos de violência exacerbada, porém, é importante ter em mente que os conflitos eram regulados e ordenados da mesma forma que todos os outros aspectos da vida medieval. Dessa maneira, não bastava saber quais ações marciais perpetradas no período do reinado de Eduardo III deveriam ser registradas, pois, afinal, havia situações em que a difusão do que se sabia ora vinha permeado por elementos laudatórios, ora por reprovações de diversas ordens. Como consequência direta deste fio de raciocínio, foi possível perceber a severa importância dada às virtudes no fazer da guerra, e, subsequentemente, quais seriam os elementos entendidos como incorretos dentro daquele conflito que dilacerou parte da Cristandade por 116 anos. Em minha inquirição mais recente no doutoramento, publicada sob o título de *A conduta marcial inglesa na Guerra dos Cem Anos: um estudo sobre os ditames morais do conflito ao final da Idade Média (1400-1453),* pretendi levantar quais são esses elementos tidos como viciosos e desarrazoados e, de que maneira, foram efetivamente atrelados por homens de letras e de armas da Inglaterra ou com estreito vínculo àquele reino como cabais para a derrocada do expansionismo inglês na segunda metade do século XV.

ENTREVISTADORA: A seu ver, como se situam os estudos sobre a espacialidade das Ilhas Britânicas e, especialmente, da Inglaterra aqui no Brasil na última década? E quais possibilidades de pesquisa você vislumbra para o futuro do campo aqui no país?

ENTREVISTADO: Os estudos sobre a Idade Média no Brasil têm sido tradicionalmente voltados para a Península Ibérica, não apenas pelos laços históricos entre ambas as regiões, mas, acredito, também pela proximidade linguística. Nesse sentido, é possível observar a enorme carência de obras de referência traduzidas ou mesmo produzidas a respeito das Ilhas Britânicas em solo tupiniquim, muito embora, no que se refere especificamente à Inglaterra, nas últimas duas décadas, tenham surgido iniciativas individuais de pesquisadores que vêm se debruçando sobre múltiplos elementos desse espaço específico da Cristandade medieval. Uma iniciativa muito importante foi a fundação do grupo *Grupo de Estudos sobre Britânia, Irlanda e Ilhas do Arquipélago Norte na Antiguidade e Medievo "Insulae"*, que agrega um bom número de pesquisadores

cujas reflexões deixam de ser marcadas apenas por esforços individuais e gradualmente começam a dar fruto de maneira colaborativa. Ainda há muito a ser feito, mas é um primeiro passo muito importante e que precisa ser ampliado. Nesse sentido, tem sido interessante acompanhar as publicações de recentes teses, dissertações e monografias de pesquisadores que se voltam não somente à Inglaterra, mas também aos espaços de Gales, Escócia e Irlanda. Outro aspecto importante é que essa recente leva de medievalistas tem realizado um trabalho de fôlego com a tradução de fontes, pois a dificuldade a seu acesso, por muito tempo, atuou como um aspecto a inviabilizar pesquisas de maior escopo.

ENTREVISTADORA: Ao início da entrevista, é mencionado seu contato inicial com a Idade Média a partir de representações construídas por medievalismos em uma cultura pop. Em que medida, a divulgação de jogos eletrônicos, músicas e mesmo livros, filmes e séries em serviços de streaming, a exemplo de *Game of thrones*, *The King* e *The Last Kingdom*, apenas para citar alguns dos mais recentes que dialogam com o espaço de uma "Inglaterra medieval", podem servir como catalisadores de interesse para jovens pesquisadores?

ENTREVISTADO: Acredito que filmes, séries, videogames, música e toda uma literatura que dialoguem, sobretudo, com o público mais jovem, aliado às mídias digitais, são potenciais lugares para se construir pontes entre a academia e a sociedade sobre determinados temas, personagens ou eventos que, em boa medida, poderiam permanecer a um círculo restrito de pesquisadores. Da mesma forma, é salutar pensarmos acerca dos potenciais avanços na relação urgente entre história pública e mídias digitais, uma vez que os usos de medievalismos e anacronismos corriqueiramente passam despercebidos pelo público em geral e devem ser explorados pelos acadêmicos como uma ponte entre o mundo das inquirições profissionais sobre a História e o público mais amplo com interesse genuíno sobre o assunto.

A meu ver, cabe que esses usos sejam pontuados e esclarecidos por especialistas por uma série de razões, dentre as quais menciono aquela que se refere aos abusos do passado praticados por grupos de extrema-direita a fim de oferecer subterfúgios para atitudes discriminatórias contra minorias. Dessa forma, há contribuições muito importantes que vêm tentando encurtar a distância entre o que se produz na universidade e o que chega à sociedade por meio da criação de conteúdos voltados às redes sociais,

através dos quais problematizam ou mesmo atraem os olhos dos interessados para elementos da vida medieval, não partindo de uma fonte do período, mas sim de um meio mais palpável e acessível. Vale destacar, assim, as iniciativas de contato por meio de mídias digitais desenvolvidos pelo grupo Linhas: *Núcleo de Estudos sobre Narrativas e Medievalismos*, coordenado pelos professores Marcelo Santiago Berriel da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Renan Marques Birro da Universidade de Pernambuco (UPE), do *Poiema: Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade*, coordenado pela professora Daniele Gallindo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e do *PEM-UFRJ: Programa de Estudos Medievais*, para mencionar apenas alguns.

ENTREVISTADORA: Para além do papel acadêmico e da divulgação em mídias digitais, como você percebe a formulação de conteúdo sobre a Inglaterra medieval nos livros didáticos e no ensino escolar?

ENTREVISTADO: A inserção da Idade Média no ensino escolar tem sido uma pauta de longa data e que tem apresentado bons resultados, principalmente a partir da publicação da BNCC, em 2017, e aponta não apenas para uma história que responda aos temas referentes ao Brasil atual, mas sim para a formação humanista do indivíduo para que o mesmo, tendo uma noção global da história, compreenda que somos herdeiros de povos e culturas anteriores. A sociedade brasileira é o fruto de muitas contribuições desses povos que, em algum momento, acabaram se entrecruzando. No entanto, para além de relevar tais questões, os pesquisadores devem estar alertas aos perigos apresentados pelas medievalidades, isso é, o emprego de referenciais da Idade Média para consumo rápido, estereotipado, sem relação com o período histórico, com o objetivo de se criar efeitos de realidades palatáveis aos públicos atuais. Exemplo disso é o emprego da figura do cavaleiro como um aglutinador de valores de um suposto passado marcado pela supremacia branca, masculina e cristã em detrimento de muitos outros grupos. Tal passado, sem bases históricas sólidas, mas deturpado para finalidades presentes, justificaria, para aqueles interessados em se fazer valer de tais prerrogativas, a existência de uma linhagem histórica contínua entre a Idade Média ibérica e suas heranças no Brasil que serviria de mote para o combate de valores civilizatórios e de garantias de direitos a todos que não integram tal eixo branco, masculino e cristão.

Por isso, o estudo da Idade Média é central e incontornável na formação de um cidadão, o que é um objetivo da BNCC, porém, ainda encontra algumas barreiras como, por exemplo, a própria seleção de conteúdos sobre o período que, pelo que eu observo, muitas vezes se restringe a temas que pouco variam, como as Cruzadas e a formação de reinos ibéricos, ao passo em que outros temas ficam relegados a segundo plano ou recebem um olhar muito menos detido. Não sou um especialista sobre a formulação de livros didáticos, porém alguns dos mais recentes aos quais tive acesso retratam a Guerra dos Cem Anos a partir de três eixos: a vida de alguma personagem específica, a exemplo de Joana d'Arc, a conjunção de eventos como as sucessões dinásticas, as rebeliões camponesas e a Peste Negra, ou, ainda, um brevíssimo resumo de um conflito que, sob uma perspectiva teleológica, viria a servir como base para a formação dos Estados Nação. Dessa forma, a Guerra dos Cem Anos passa a ser apresentada como um exemplo cristalizado das guerras da Idade Média, talvez por essa longa extensão em que, às vezes, passa a impressão de um período desregrado, desorganizado, já que não é incomum livros escolares saltarem do feudalismo para o conflito em questão.

ENTREVISTADORA: É possível afirmar, a partir do que colocou em sua resposta, que a Guerra dos Cem Anos em si, ainda é, em boa medida, desconhecida pelo público brasileiro, e o pouco que se sabe advém justamente de informações sobre alguns personagens específicos?

ENTREVISTADO: De fato, as personagens servem como elementos definidores do período circunscrito. Por exemplo, ao se tratar dos grandes navegadores, aqueles mesmos nomes como Pero Vaz de Caminha ou Cristóvão Colombo, em boa medida, aparecem como arquétipos, secundarizando toda uma discussão acerca do papel dos navegadores que estiveram em outras localidades das Américas até mesmo antes desses personagens e que são incontornáveis para entendermos o longo processo de estabelecimento dos europeus no continente. No caso de conflitos militares, figuras como Joana d'Arc recebem todo um realce desde as narrativas históricas do século XIX e se popularizaram pela construção cinemática e literária. Enquanto isso, um olhar mais detido para os escritos do período, eventualmente, traria ao lume outras figuras, ou mesmo, problematizariam outros atores de menor visibilidade. Seja como for, o campo é pouco estudado no Brasil, e, assim sendo, questionamentos sobre as grandes personagens e

grandes eventos podem nos levar a não tratarmos especificidades que ainda precisam ser mais bem escrutinadas.

ENTREVISTADORA: Entre a vasta produção acadêmica sobre a guerra no tardo medievo, é possível indicar algumas das obras fundamentais, sobretudo relacionadas à Guerra dos Cem Anos?

ENTREVISTADO: Uma obra que considero seminal é *A Guerra na Idade Média*, do historiador francês Philippe Contamine, a qual traça um excelente panorama sobre o fazer marcial durante os séculos de Idade Média, onde a Guerra dos Cem Anos é colocada em perspectiva com outros conflitos do período. Sobre a Inglaterra do tardo medievo, escrutinada sob a ótica militar, destaco as obras *The Hundred Years War* de Anne Curry, *The Soldier in Later Medieval England*, organizada por Adrian Bell, Anne Curry, Andy King e David Simpkin, *Chivalry* e *The Laws of War in the Middle Ages,* de Maurice Keen, *Armies and Warfare in the Middle Ages*, de Michael Prestwich e *The Hundred Years War: England and France at war c. 1300 - c. 1450* de Christopher Allmand.

ENTREVISTADORA: Quais recomendações você daria a quem se interessaria em estudar a guerra no medievo, assim como a Guerra dos Cem Anos?

ENTREVISTADO: Uma recomendação a todos que pretendem iniciar os estudos, seja sobre guerra no medievo, ou mesmo sobre a Idade Média, primeiramente, é o trato com as fontes e o estudo de outros idiomas. Para além disso, é preciso ter em conta que as informações encontram-se fragmentadas, ou seja, dificilmente uma pergunta acerca de um determinado conflito será respondida por meio de um conjunto específico de fontes. Sabendo disso, é necessário que, desde o início, o pesquisador busque ter disposição para conjugar fontes, muitas vezes, de naturezas dispersas, diversas, e que isso, geralmente, é um trabalho árduo. Outro aspecto importante é que a guerra, normalmente, é um desdobramento das relações entre grupos ou indivíduos dentro de um período, de forma que o conflito em si não pode ser estudado única e separadamente, mas devem ser considerados outros elementos, por exemplo, a relação entre o rei e seus súditos, a relação entre nobrezas de espacialidades distintas e até mesmo aspectos morais como a busca pelas virtudes e a fuga aos vícios. Então, o conflito nada mais é do que uma longa tradição que retoma estudiosos como São Tomás de Aquino, passa pelos pais da Igreja, por fontes romanas, além de que determinados espaços exercem força sobre outros, como é o caso

dos ingleses, muito inspirados por tratados e escritos franceses. Em suma, tudo isso precisa ser muito bem considerado antes de se buscar compreender um conflito, período ou espaço específico.